

# Orquestra Jazz de Matosinhos

12 Jun 2019  
21:00 Sala Suggia

O ESTADO DA NAÇÃO

Carlos Azevedo direção musical

Este é o quarto concerto integrado no ciclo *O Estado da Nação* 2019 e apresenta uma das vertentes mais significativas da Orquestra Jazz de Matosinhos: a aposta na música portuguesa escrita originalmente para big band. O repertório inclui composições criadas ao longo dos anos para este tipo de formação e especialmente para a OJM e é também uma renovação da aposta, através da estreia mundial de duas novas encomendas a compositores nacionais. Nas linhas seguintes pode ler-se as notas dos próprios compositores acerca das obras apresentadas esta noite.

A ordem do programa será anunciada a partir do palco.

## Daniel Bernardes

*Fragmentos, Interlúdio e Canção IX* (2019; estreia mundial)

*Fragmentos, Interlúdio e Canção IX* integra um ciclo de peças que partilham entre si a mesma forma a três partes. Estas peças têm instrumentações bastante diferentes, e ao longo deste ciclo explorei a dualidade nota escrita/nota improvisada, sendo que apenas em três delas existe de facto improvisação. Esta nona peça começou a ser escrita durante a leitura de *Infinite Jest*, obra-prima de David Foster Wallace. Os grandes livros operam em nós transformações profundas e foi impossível escapar a essa influência enquanto trabalhava nesta peça. A narrativa fragmentada do livro, a inteligência e a autoconsciência extremas, o turbilhão de emoções entre o hilariante e o tenebroso num livro que tem a preocupação de, acima de tudo, e apesar do seu tamanho e densidade, entreter constantemente o leitor. Passei imenso tempo mergulhado no universo deste livro e creio que alguns dos aspectos mencionados transbordaram, consciente e inconscientemente, para esta peça. Não procurei uma abordagem programática, interessou-me mais ter diferentes músicas em justaposição mantendo sempre uma ligação ao idioma da música para orquestra de jazz. À densidade da primeira secção da obra responde um interlúdio que alude à infância, dedicado por isso ao meu Afonso. A última secção – Canção – apresenta uma melodia relativamente simples, em forma *blues*, acompanhada por um baixo e um *ostinato* rítmico em forma AABA, numa espécie de isorritmia estrutural.

## Paulo Gomes

*8 de Maio* (2019; estreia mundial)

Esta é a data que marca oficialmente o fim da Segunda Guerra Mundial com a rendição da Alemanha. O tema foi escrito em memória de todas as suas vítimas.

## Paulo Perfeito

*Original Sin* (2007)

*Origem*, palavra derivada do latim *origo*, significa *início* e foi o nome escolhido para esta composição encomendada pela *Festa do Jazz do S. Luiz*, que seria estreada em Lisboa a 13 de Maio de 2007. Composta para pequeno ensemble com trompete, saxofones alto e tenor, guitarra, piano, contrabaixo e bateria, foi estreada pela banda residente do festival mas foi desde logo concebida de modo a ser facilmente adaptável para big band.

Para adaptar a ideia filosófica de *início* à minha composição, pensei no início do Universo tal como se pensa que aconteceu: o Big Bang. Não necessariamente como uma explosão violenta com detritos a voar por todo o lado... para mim, o mais importante a respeito do Big Bang é o progresso desde o plasma estéril e uniforme ao caos de diversos tipos de matéria que permitiu o advento da vida.

Musicalmente, a forma que encontrei para exprimir esta ideia foi começar de forma muito simples com uma única nota e expandir a partir daí. Mas que nota? Expandir para onde? Com que critério? De acordo com os princípios da simetria visual (no teclado de piano), considerei duas notas possíveis como eixo da composição: Ré e Lá bemol, já que ambas dividem o teclado em duas partes iguais com a mesma configuração. A escolha do Lá bemol como tónica gravitacional prendeu-se com razões puramente orquestrais. Através da série de harmónicos de Lá bemol, foi estabelecido um modo de oito notas e a hierarquia dessas notas na composição, seguindo-se a análise das suas possibilidades harmónicas.

Recentemente cheguei à conclusão de que a procura de relações matemáticas e naturais não enfraquece o lado espontâneo e intuitivo do processo criativo, que muito frequentemente pode tornar-se repetitivo ao privilegiar um conjunto de soluções confortáveis. Pelo contrário, alarga a nossa gama de recursos técnicos e estéticos, apresentando resoluções e alternativas que provavelmente nunca surgiriam apenas através da intuição.

## Telmo Marques

*Sprouts* (2009)

Semente que brota, rebenta, renova, germina,

Desenvolve e cresce.

Uma nova fase, um novo tempo,

O tempo de mudança.

“O tempo é a medida da mudança” (Aristóteles),

Logo, vem o clímax – Depois, vem o fim.

---

## Mário Laginha

*Matosinhos* (2007)

Sem notas.

---

## Carlos Guedes

*Sweet Drama* (2008, rev. 2016)

*Sweet Drama* foi a minha primeira encomenda da OJM. A peça é dedicada ao Pedro Guedes e ao Carlos Azevedo pelo trabalho excelente que têm feito com este colectivo musical e pelo jazz em Portugal. *Sweet Drama* tem duas grandes partes que são intercaladas por um solo de piano, e pode ser vista como uma suite de peças mais pequenas que estão interligadas. Nunca há um retorno a nenhuma das secções da peça, conferindo este aspecto uma narrativa idêntica a uma história que se desenrola no tempo, com princípio, meio e fim.

---

## Pedro Moreira

*Melusine* (2013)

Melusine é uma figura mítica, oriunda de uma das várias tradições populares que relatam o mito da sereia: um espírito feminino das águas e das nascentes, que aspira a materializar-se através da união com o ser humano. Esta união é sempre problemática, dando origem a uma narrativa inevitavelmente infeliz. A oposição divino/humano, ou material/imaterial, que povoa o nosso imaginário, abre a porta à possibilidade, mas implica sempre uma perda.

A peça coloca em confronto dois universos distintos: por um lado uma melodia de carácter pop, baseada num ostinato que remete para uma aspiração pelo intangível, permeada de melancolia, e uma nuvem sonora gerada pela ideia da transformação harmónica, criando ambientes diversos que servem de suporte ao improviso.

---

## Zé Eduardo

*À bolina* (2013)

Técnica naval que consiste em ziguezaguear contra o vento, o que permite navegar por zonas onde este não é favorável. Que se saiba, foi utilizada pela primeira vez pelas caravelas portuguesas no tempo dos Descobrimentos. Nesta composição, o tema marítimo e o seu significado aparece logo de início, com a introdução das madeiras e flautas, transformando-se progressivamente ao longo da peça numa interpretação mais jazzística que permite aos solistas expressarem-se então com o vento mais a favor.

---

## Carlos Azevedo direcção musical

Nascido em Vila Real (1964), Carlos Azevedo estudou piano e composição no Conservatório de Música do Porto e na Escola Superior de Música do Porto. Prosseguiu para o Mestrado em Composição na Universidade de Sheffield (1996), sob a orientação de George Nicholson, onde está a concluir o Doutoramento. Inaugurou a Escola de Jazz do Porto enquanto professor de piano, em meados dos anos 80. Em 2001 criou a primeira Licenciatura em Jazz do país, na ESMAE. Partilha com Pedro Guedes, desde 1999, a Direcção Musical da Orquestra Jazz de Matosinhos.

A suite *Lenda* para decateto deu origem ao seu primeiro álbum em nome próprio. A fatia maior das suas composições e arranjos no campo do jazz tem sido escrita para a OJM, mas recebe também encomendas para outras formações. Em 2004 ganhou o Concurso Internacional de Composição da Brussels Jazz Orchestra. Das suas obras mais recentes destaca-se a ópera *Mumadona*, com libreto de Carlos Tê, estreada em 2012.

É professor de Análise na ESMAE e continua a co-dirigir a OJM, para a qual escreve composições e arranjos originais e onde se apresenta frequentemente como pianista.

---

## Orquestra Jazz de Matosinhos

A Orquestra Jazz de Matosinhos foi criada em 1997 e tem o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos desde 1999. Promove continuamente a criação, a investigação, a divulgação e a formação na área do jazz, cruzando a ambição internacional com o sentido de responsabilidade local. A 5 de Outubro de 2017, no ano em que celebrou 20 Anos, a OJM foi convidada a participar nas comemorações do 107.º aniversário da Implantação da República no Palácio de São Bento em Lisboa, e recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Primeiro-Ministro, António Costa, e do Ministro da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes.

Constituindo uma autêntica orquestra nacional de jazz, apresenta repertórios de todas as variantes estéticas e de todas as épocas do jazz. Dirigida por Pedro Guedes e Carlos Azevedo, colaborou com inúmeros artistas de prestígio, actua regularmente nas principais salas do país e tem feito digressões a várias cidades da Europa e dos Estados Unidos.

Desde 2018 a orquestra ocupa o CARA – Centro de Alto Rendimento Artístico, em Matosinhos, um espaço com 800 m<sup>2</sup> onde se promove o diálogo entre arte, ciência e tecnologia. Este espaço foi inaugurado oficialmente em Setembro de 2018 e está preparado para acolher concertos, ensaios, gravações e as iniciativas do serviço educativo da OJM.

**Madeiras** João Guimarães, João Pedro Brandão, Mário Santos, José Pedro Coelho, Rui Teixeira

**Trompetes** Luís Macedo, Ricardo Formoso, Rogério Ribeiro, Javier Pereira

**Trombones** Daniel Dias, Álvaro Pinto, Andreia Santos, Gonçalo Dias

**Secção Rítmica** André Fernandes (guitarra), Diogo Martins (piano), Demian Cabaud (contrabaixo), Marcos Cavaleiro (bateria)